

## **A folia do Divino Espírito Santo como uma comunidade de prática: domínio, comunidade, prática e o musicar <sup>1</sup>**

*Givas Demore*  
*Universidade de Brasília*  
*givas.demore@gmail.com*

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: ETNOMUSICOLOGIA

**Resumo.** A folia do Divino de Planaltina - DF congrega uma comunidade de prática que se reuni para celebrar o Divino Espírito Santo. Todos os anos, os foliões se reúnem para festejar seu símbolo devocional. O objetivo da presente pesquisa é analisar como se articulam os parâmetros que fundamentam o conceito de comunidade de prática e seu musicar em relação às práticas dos foliões. Para isso, utilizou-se as concepções teóricas de Small (1998) e Etienne Wenger (1998) como escopo para as significações resultantes da análise. A pesquisa utilizou a etnografia e a pesquisa bibliográfica para reunir os dados analisados. As conclusões revelam que é a comunidade (de prática) que fundamenta as interações e o musicar. A crença é o elemento que une, gera identidade, interação e motiva o musicar da folia.

**Palavras-chave.** Musicar. Etnomusicologia. Comunidade de prática. Musicar local. Musicking.

**The Folia of the Divine Holy Spirit as a Community of Practice: Dominion, Community, Practice and Musicking**

**Abstract.** The folia of the Divine of Planaltina - DF is constituted of a community of practice that comes together to celebrate the Divine Holy Spirit. Every year, revelers gather to celebrate their devotional symbol. The aim of this research is to analyze how the parameters that underlie the concept of community of practice and their music in relation to the practices of revelers are articulated. For that, the theoretical conceptions of Small (1998) and Etienne Wenger (1998) were used as a scope for the meanings resulting from the analysis. The research used ethnography and bibliographic research to gather the analyzed data. The conclusions reveal that it is the community (of practice) that underlies the interactions and the music. Faith is the element that unites, generates identity, interaction and motivates the music of folia.

**Keywords.** To music. Ethnomusicology. Community of practice. Local music. Musicking.

### **1. Introdução geral**

A compreensão dos termos de uma Comunidade de Prática (CoP) resulta em um conhecimento das estruturas sociais e culturais que ela utiliza em seu musicar, ou seja, em uma ação musical envolvendo todos que circundam o processo musical, seja tocando, seja realizando atividades que o circunscreve. Para analisar o alinhamento de aspectos gerais, que se constituem de aspectos unitários que integram o todo, o trabalho de Etienne Wenger, se mostra uma

alternativa que se ajusta à estrutura social das comunidades, quando analisa parâmetros que, separados, contribuem para a compressão das interações, do aprendizado e da identidade daqueles que fazem parte de uma CoP. Wenger *et al.* (2002, p. 4), ao se referir ao conceito de Cop, afirmou que as “Comunidades de Prática são grupos de pessoas que compartilham um interesse, um problema em comum ou uma paixão sobre determinado assunto [ou ideologia] e que aprofundam seu conhecimento e *expertise* nesta área”. Elas possuem um domínio, uma comunidade e uma prática. Mesmo que sua teoria não tenha sido desenvolvida para a música, Reily (2014) salienta que a obra do autor “proporciona uma estrutura para pensar as comunidades musicais locais, subalternas ou não”.

Christopher Small, através de seu trabalho: *Musicking: the meanings of performance and listening*, desenvolveu o conceito de musicar. Para Small (1998), “*músicar*” é participar, em qualquer capacidade, de uma performance musical, seja tocando, ouvindo, ensaiando ou praticando, fornecendo material para performance ou dançando. Tal conceito lança luz sobre como participam os personagens envolvidos no processo de preparação, composição, audição, preparação do palco, até mesmo fazendo o download de uma canção e etc. Através do conceito de musicar, compreende-se as práticas musicais sob várias perspectivas, que envolvem como, um todo, a ação musical, que foca na ação e não no objeto musical. O musicar não é um novo conceito para a palavra música, mas sim uma maneira de expressar o envolvimento das pessoas na música.

O objeto deste trabalho versa sobre a festa do Divino (Espírito Santo) de Planaltina – DF, especificamente sobre a folia de roça. A festa <sup>2</sup> do Divino de Planaltina se divide em festa de rua e festa da roça. Na roça, essa manifestação recebe o nome de folia do Divino. Os foliões chamam a festa em si de folia, não restringindo o conceito de folia ao conjunto instrumental. A folia é uma CoP que compartilha de uma crença que motiva sua vivência, sua identidade e seus valores morais. Deste modo, a folia de roça de Planaltina é um lugar de crença. Considerando tais questões surge o questionamento: qual o papel do musicar na vida dos participantes das comunidades musicais? A resposta a esta pergunta está envolta na tríade definida por Etienne Wenger (domínio, comunidade e prática).

O objetivo deste artigo é analisar como se articulam os parâmetros que fundamentam o conceito de CoP e seu musicar, em relação à folia do Divino da roça de

Planaltina – DF. A metodologia utilizada advém da etnografia da comunidade de foliões realizada durante o ano de 2019 em Planaltina DF, além da pesquisa bibliográfica.

## **2. A folia do Divino de Planaltina**

### **2.1 O domínio compartilhado**

A Festa do Divino da Roça de Planaltina (FDRP) caracteriza-se por um ritual que tem como finalidade celebrar o Divino. Essa celebração, além de pressupor elementos do catolicismo oficial e popular, envolve um conjunto de costumes e crenças que se fundem e dão origem à manifestação. O fator focal que motiva o ritual e é compartilhado por todos os membros da FDRP é a crença no Divino Espírito Santo.

É inegável que a FDRP tenha ligação com catolicismo. Cesinha, contraguia de folia, afirma que a ligação da folia com o Divino é bem definida. “Nós estamos louvando o Espírito Santo e só o catolicismo faz isso”. Para Geertz (2008, p. 67), a religião serve como fonte de concepções para grupos (comunitários) e “estabelece poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral”. A religião é o pano de fundo para a existência da FDRP. “Sem catolicismo não tem folia, porque a folia é do Divino e o Divino é católico”, afirmou Alcides, contraguia de folia. O fato primordial que une os foliões é a religião.

O conhecimento do domínio (a crença) é o que molda os valores, comportamentos e conhecimentos dos membros, fazendo-os responsáveis (WENGER *et al.*, 2002). A ordem moral da FDRP é definida de acordo com princípios e valores que se relacionam com a crença. Como valores morais (e culturais) tem-se o Espírito Santo como entidade sagrada e doadora de dons e graças (benesses), a devoção à Nossa Senhora e à Santíssima Trindade, o caráter sagrado das bandeiras, a reverência aos símbolos da folia: bandeira, bíblia, cruz, pomba, altar e imagem de Nossa Senhora.

A identidade dos foliões decorre do contexto no qual se inserem. Eles são devotos, celebrantes do Divino, seguidores de regras/costumes que enxergam a festa como um ritual de louvor, agradecimento, exaltação ao Divino e a Virgem Maria. Assim, o primeiro elemento identitário dos foliões é o pertencimento ao catolicismo. Hall (2006, p. 12-13), explica que a identidade “não é fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’ [...] definida historicamente”. Um dos traços característicos, em relação a identidade, é a

imagem do caipira, ou seja, a utilização de indumentária<sup>3</sup> típica dos habitantes da roça: chapéu, bota, bainha de faca, camisa de botão. A utilização de violas, o canto em duas vozes, os duetos em terça, a maneira de falar característica do dialeto caipira, a forma de se vestir e as indumentárias utilizadas para celebrar o ritual também são traços que contribuem para a afirmação de identidade. Woodward (2000, p. 17) ressalta que as representações simbólicas, presentes nos contextos, contribuem para a formação da identidade do ser, pois para a autora “é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos”.

A crença, como domínio de interesse, é o fator que motiva o compartilhamento de aspectos indenitários, gerando competências específicas dos membros e interações que constituem o todo da FDRP.

## **2.2 A comunidade dos foliões**

A celebração da folia passou (e passa) antes por um contexto de aprendizado. Dessa maneira, o ser humano precisa do outro para desenvolver aquilo que será aprendido, experienciado e passado adiante. O aprendizado fornecerá, além das habilidades e conhecimento para a realização da prática, o contato com as ideologias da prática, com o conhecimento das normas de comportamento do grupo e com a compreensão do contexto da prática. Wenger *et al.*, (2002, p. 14) aponta que “nós precisamos outros para complementar e desenvolver nossa própria experiência. Esse caráter coletivo do conhecimento não significa que os indivíduos não contam”. O que compõe uma comunidade é o conjunto de sujeitos com individualidades, anseios, crenças e principalmente experiência, pois a experiência é o que fará as informações dos foliões serem convertidas em conhecimento.<sup>4</sup>

É através dessa reunião de sujeitos, chamada comunidade, que os membros tornam o conhecimento dinâmico e em constante movimento, pois “o conhecimento não é estático. Ele está continuamente em movimento (WENGER *et al.*, 2002). É na comunidade que os sujeitos interagem, sendo essa interação o principal motivo que os fazem ser uma CoP. A comunidade dos foliões, se desenvolve em uma localidade não se limitando ao espaço físico. A ementa do projeto “*O Musicar Local - novas trilhas para a etnomusicologia*”,<sup>5</sup> sob coordenação de Suzel Reily, afirma que as localidades são “contextos dinâmicos; são pontos de encontros contínuos

entre pessoas, ideias, práticas, tecnologias, objetos que vão convergindo no local ao longo do tempo” (O musicar local, 2016).

A comunidade da FDRP se articula em torno de um conjunto de ideias, ritos e obrigações que faz surgir necessidades de organização, negociação e partilha para que a festa aconteça. É a comunidade, através de seus membros, situados em uma localidade, que ajuda a desenvolver o sentimento de pertencimento e compromisso mútuo (WENGER *et al.*, 2002) que une os foliões.

As interações na FDRP ocorrem por meio de reuniões para celebrar o Divino. A FDRP inicia-se com as novenas com objetivo de preparar, espiritualmente, a festa que acontece de acordo com o calendário cristão denominado pentecostes. Após as novenas, que duram 9 meses, tem-se a festa propriamente dita — que dura 8 dias —, iniciando 8 dias antes do Pentecostes. As interações ocorrem de todas as formas: angariando recursos, construindo as estruturas, cozinhando os alimentos e celebrando os rituais, propriamente. Todo o contexto reveste-se de relações interativas com objetivos diversos.

A organização fica por cargo do alferes,<sup>6</sup> o empunhador da bandeira. A negociação envolve aspectos diversos e pode se relacionar com: quem vai executar determinando canto? Quem vai tocar determinado instrumento? Quem vai trabalhar na função tal? Quem vai oferecer os pousos? A partilha ocorre por meio de esforços coletivos (e individuais) para a realização da festa, envolvendo tanto o compartilhamento de sentimentos, serviços, ideias e crenças, quanto doações de bens materiais.

A comunidade congrega os membros que são chamados de foliões de frente e foliões de presença. Os foliões de frente são aqueles que possuem competências definidas, chamadas de obrigação. Dividem-se em personagens do conjunto instrumental e personagens da organização. São foliões de frente: o mestre guia, o guia de folia, ajudante do guia de folia, contraguia de folia, ajudante do contraguia, o caixeiro, as rezadeiras de ladainha, o catireiro, os tocadores de reco-reco, pandeiro, acordeom, cavaco, rabeca, acordeom e violão. São personagens da organização: as cozinheiras, o fogueteiro, o mussungueiro, o pouseiro, o procurador, o regente, o tropeiro. Os foliões de presença são os devotos que não possuem obrigação, mas participam ativamente da festa preparada pelos foliões de frente.

O aprendizado acontece, principalmente, por meio da tradição oral e da interação entre os foliões. Aprendizado musical ocorre por meio da exposição visual e de diálogos verbais, baseados na audição/repetição.

Na FDRP, competências estão sendo desenvolvidas continuamente, pois a comunidade se renova através de novos membros que, normalmente, são descendentes dos membros mais antigos. A grande preocupação da FDRP de Planaltina é com a continuidade da tradição. Para tanto, incentivam, por meio de palestras (diálogos) e ensaios, o envolvimento dos jovens para que estes deem continuidade à festa.

A comunidade é um espaço social, um local, onde celebra-se a crença, mas ele é também um espaço de sociabilidade. Para Amaral, “são imprescindíveis tanto as cerimônias festivas quanto os rituais religiosos para reavivar os ‘laços sociais’ que correm, sempre, o risco de se desfazerem” (AMARAL, 1998, p. 26). As FDRPs são ocasiões especiais para o encontro de amigos. Muitos deles celebram a festa há mais de 30 anos. Para Blacking (1973, p. 103), “nas sociedades humanas, os problemas começam quando as pessoas aprendem menos sobre o amor, pois o amor é a base de nossa existência enquanto seres humanos.

A relevância em falar da FDRP como espaço social se revela na possibilidade de partilhar de elementos extramusicais que contribuem para a manutenção dessa devoção e dos laços afetivos que, por sua vez, ligam os membros da comunidade à FDRP. Para Wenger *et al.*, (2002, p. 27), “uma comunidade forte promove as interações e relacionamentos que se pautam no respeito mútuo e na confiança”. Para Blacking (1973), a maneira como interagem os sujeitos é o que há de mais importante, pois “é no contexto dessas relações que se usufrui e partilha-se de experiências emocionais” (*Ibid.*, p. 73), o que irá contribuir, conforme Wenger *et al.*, (2002), para o sentido da história e para a identidade comum.

Por fim, o conhecimento não é estático, conforme afirmou Wenger *et al.* (2002). O rito da FDRP mudou durante o decurso de tempo. Essas mudanças são frutos das interações e dos novos contextos sociais que surgem. O mestre guia, Joaquim de Felipe, conta que realizou algumas mudanças: “Eu, por exemplo, já venho um guia mais novo. Então, muitas coisas... eu achei que não tava batendo muito com os dias de hoje, aí eu tomei a liberdade de eu mesmo mudar, porque o tempo mudou”.

A configuração social da FDRP é complexa, envolvendo vários personagens que interagem entre si, possuindo a crença no Espírito Santo como fator que os une e contribui para o senso de identidade e manutenção da tradição.

### **2.3. As práticas: o musicar**

Wenger (1998), acredita que as pessoas ao realizar uma atividade em conjunto têm como consequente desenvolver uma prática comum. A prática possui uma interligação com o domínio e com a comunidade, pois primeiro há um domínio, sobre o qual se organiza uma comunidade, fazendo surgir uma prática.

A prática da FDRP, dentro da perspectiva de Wenger (1998, 2002), se configuram como um conjunto de atividades — com base no domínio — que vão desde a preparação, organização, culminando no ritual celebrado. Como afirmou a professora Suzel Reily (2014), o grupo tem metas e “[...] se organizam em torno do fazer de uma determinada prática musical” (*Ibid.*, 2014). Identifica-se o ritual como a principal prática, porque sem ele não haveria sentido em se reunir sob essas condições contextuais.

A respeito do ritual, Tambiah (1985, p. 128), o definiu como “um sistema culturalmente construído de comunicação simbólica [...] que envolve formalidade (convencionalidade), estereótipos (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição)”.

Para Tambiah (1985), um ritual é flexível, performativo e pode se realizar de muitas maneiras. Na FDRP, os rituais se constituem de sequências padronizadas, atos e ações que se repetem por convencionalidade, de forma rígida em todos os pousos, fundindo crença, música, costumes, religião e etc.

A manifestação do ritual ocorre por meio do musicar. O musicar é o elemento que expressa a crença, a fé e a devoção. O musicar está presente desde o ouvir, passando pelo aprendizado do instrumento/cantório ou pela preparação da performance, até a performance propriamente dita. Esse musicar — que envolve os executantes e ouvintes — “estabelece no lugar onde ele está acontecendo um conjunto de relacionamentos, e são nesses relacionamentos que contém o significado do ato (SMALL, 1998, p. 13).

Para dar início à festa, os foliões acampam em várias fazendas, onde serão realizados seus ritos. Sua estrutura ritual compreende o giro, que envolve: a alvorada, os pousos

e a desalvorada. Cada um desses três elementos, com exceção da desalvorada, possuem unidades rituais menores. A desalvorada é um rito único e se resume em um único cantório.

Suas unidades rituais básicas, de forma global, podem ser resumidas em alvorada, pedido de agasalho, saudação do altar, saudação do cruzeiro, ladainha de Nossa Senhora, cantório de promessa, entrega do troféu, bendito de mesa e despedida. Cada um desses momentos é realizado através do musicar (do cantório).

Cada localidade, que recebe a FDRP, é chamada de pouso. Os pousos são locais onde ocorrem as práticas rituais: o musicar. O conceito de pouso não se restringe a um determinado local, pois os pousos podem ocorrer em quaisquer locais. Os pousos são as localidades construídas pela necessidade de celebrar o ritual da festividade. A FDRP passa por 5 pousos (fazendas) até chegar na cidade. Findo os pousos, quando a FDRP chega na cidade, ela participa do encontro das bandeiras, celebra a missa dos foliões, desfila na cidade com seus cavaleiros e por fim reúne-se, após o almoço para a desalvorada.

Todos os rituais da FDRP são importantes, mas recebe grande atenção a alvorada que se realiza ao anoitecer de um domingo. A alvorada é um momento que se relaciona a um local. Ela possui várias unidades rituais: cantório de alvorada, cantório de saudação do altar, cantório de promessa, canto da ladainha de Nossa Senhora, bendito de mesa, cantório de entrega do troféu. Os pousos possuem os mesmos cantórios da alvorada, no entanto, acrescenta-se, o pedido de agasalho, a saudação do cruzeiro e a despedida. Por último, após celebração de pentecostes, realiza-se a desalvorada.

Em relação a cada unidade ritual, pode-se classificá-las. O cantório de alvorada é onde os instrumentos são alvorados, ou seja, ganham legitimidade para participar do ritual da FDRP. Sem alvarar os instrumentos não há FDRP. Isso se faz através dos cantório. O cantório de saudação do altar tem por objetivo reverenciar o altar e narrar o nascimento de Jesus. A ladainha de Nossa Senhora é uma oração com caráter rogatório e suplicante dirigido à Nossa Senhora. O bendito de mesa é um canto para agradecer pelo alimento recebido. O cantório de entrega do troféu é um momento que ocorre no final da missa,<sup>7</sup> onde se agradece aos donos da casa pelo pouso oferecido.

Nos pousos, além de todos os cantórios supracitados, com exceção da alvorada, tem-se o cantório de pedido de agalho que é realizado quando a comitiva chega na fazenda e pede para “pousar” no local. A saudação do cruzeiro é realizada em frente a uma cruz de cerca



de um metro e meio disposta em frente à casa. Ela narra a vida de Jesus, com foco no seu sofrimento. O cantório de despedida marca a finalização da estadia da FDRP no pouso. Através dele, os foliões agradecem aos pouseiros, pedem desculpa por qualquer inconveniente, pedem a benção do Divino para a família. Finalmente a desalvorada. Nela os instrumentos, bem como todas as pessoas, são desalvorados, ou seja, desinvestidos de suas funções. Finda-se o ritual.

O musicar da folia, ocorre tanto pela performance dos foliões, através do cantório e dos instrumentos, quanto pela audição da música. É através da música que os seus performances e ouvintes se relacionam com a entidade sagrada. O musicar viabiliza a comunicação com o sobrenatural que, passando pela crença, chega à dimensão espiritual. Para Small

*Musicking [musicar] é sobre relacionamentos, não tanto sobre os que realmente existem em nossas vidas, mas sobre aqueles que desejamos existir e desejamos experimentar: [...]. Durante uma performance musical ... os relacionamentos desejados são trazidos à existência virtual, para que os participantes possam experimentá-los como se realmente existissem. (SMALL, 1998, p. 183)*

Na FDRP, não há critérios performáticos relacionados à dança, a não ser catira, que é a dança onde os foliões, sem critérios devocionais, se divertem ao som das cantorias e sapateados após os rituais sacros. Os rituais da FDRP são executados de forma contemplativa.

### **3 Considerações finais**

A análise da teoria das CoPs e do musicar fornecem caminhos para lidar com o musicar local. A aplicação dos parâmetros da teoria de Wenger permitiu analisar a estrutura da FDRP, revelando aspectos gerais a partir da análise de parâmetros isolados. O musicar fornece uma ótica pertinente à necessidade de compreender o significado que se revela nas interações. Entender o que é a música, faz com que o foco recaia no produtor/objeto, mas compreender por que ela é feita e quais as interações ativas e passivas que ela carrega fornece uma visão mais global do fato analisado.

Identificou-se que o domínio na FDRP se relaciona com a crença. É essa crença que proporciona domínio, reúne as pessoas em comunidade e motiva a prática. Segundo Small (1998), são os relacionamentos, que ocorrem por meio das interações, que carregam os significados dos atos do musicar. O musicar só consegue chegar às interações, por que ele é ação e considera o processo envolvendo todos os agentes, diretos e indiretos. O papel do

musicar é expressar devoção, uma vez que a crença é o elemento em comum. É através do musicar que os ritos ganham forma, significando o fazer dos foliões e as interações.

A análise FDRP revelou o quanto o ser humano precisa um do outro para desenvolver sua própria experiência, seu aprendizado, sua interação. É na comunidade que ocorrem as interações. A FDRP é uma comunidade, que além de compartilhar crença, compartilha ideologias, valores morais e estéticos que os fazem desenvolver um senso de pertencimento e uma identidade para com a FDRP. Além do mais, a comunidade se torna âmbito para alteridade, interatividade, afetividade e compromisso mútuo. É a comunidade, manifestando uma crença, que propicia a realização das práticas da FDRP.



## Referências

- AMARAL, Rita. *Festa à Brasileira: Sentidos do Festejar no País Que “Não é Sério”*. USP, 1998. Disponível em: [www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-21102004-134208/publico/tesecapa1.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-21102004-134208/publico/tesecapa1.pdf). Acesso em: 25 de janeiro.
- BLACKING, Jonh. *How musical is man?* Seattle: University of Washington Press, 1995. (1 ed. 1973)
- BRASIL. Decreto Nº 34.370, de 17 de maio de 2013. Dispõe sobre a “Festa Do Divino Espírito Santo de Planaltina” no Livro das Celebrações como patrimônio cultural imaterial do Distrito Federal e dá outras providências. Brasília, 17 de maio de 2013
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. 1ª ed. 13ª reimpr. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 2008. 323 p.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro - 11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- O MUSICAR LOCAL – novas trilhas para a etnomusicologia. Ementa do projeto temático (FAPESP 2016/05318-7). Coordenadora: Suzel Reily UNICAMP. Pesquisadoras Principais: Flavia Camargo Toni (USP); Rose Satiko Gitirana Hikiji (USP). Instituições Sede: Instituto de Artes (Música) – Unicamp; Departamento de Antropologia – USP; e Instituto de Estudos Brasileiros – USP.
- REILY, Suzel. *Não há música sem dimensão política: conversa com Suzel Reily sobre música, etnomusicologia e os estudos acerca da cultura popular brasileira*. Entrevista concedida a Giesbrecht, Érica e Souza; Carla Delagado de. In. Proa. nº 4, Vol. 1, 2014.
- SMALL, Christopher. *Musicking: the meanings of performance and listening*. Middletown, Ct: Wesleyan University Press, 1998.
- TAMBIAH, Stanley. *Culture, Thought, and Social Action. An Anthropological Perspective*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1985.
- WENGER, E. *Communities of Practice: learning, meaning and identity*. New York: Cambridge, 1998.
- WENGER, E.; McDERMOTT, R.; SNYDER, W. *Cultivating Communities of Practice*. Boston: Harvard, 2002. Disponível em: <http://cpcoaching.it/wp-content/uploads/2012/05/WengerCPC.pdf>. Acesso em 20 de abril de 2020.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos Culturais*. 6. ed, Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

## Notas

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi elaborado a partir da pesquisa de mestrado do autor, realizada junto ao Instituto de Artes da UnB.

<sup>2</sup> A festa do Divino de Planaltina é celebrada há 156 anos segundo o RQ 2267/2016, protocolado na câmara distrital do DF. É patrimônio cultural do Distrito Federal desde o ano de 2013, classificada como legítima referência cultural do DF (DECRETO nº 34.370/2013).

<sup>3</sup> Os foliões não se utilizam de indumentária especial, além do lenço e da divisa, para participar do rito.

<sup>4</sup> Falar em experiência é falar em conhecimento por meio dos sentidos que advém da reunião de sujeitos de sujeitos em domínio compartilhado de interesse.

<sup>5</sup> Merece menção dada sua iniciativa inovadora, o projeto temático “O Musicar Local - novas trilhas para a etnomusicologia”, um projeto do instituto de artes da UNICAMP – SP e de antropologia da USP, sob coordenação de Suzel Ana Reily (etnomusicologia) e Rose Satiko Hikiji (antropologia) com a poio da FAPESP. O projeto relaciona-se à bolsa de pesquisa de pós-doutorado e tem enfoque sobre as práticas musicais locais — ou o musicar local, visando investigar como é construído o musicar e como ele contribuiu para a construção da localidade, além de documentar as interações advindas do relacionamento entre música e localidade. O projeto também tem como finalidade contribuir para discussões e para a constituição de uma bibliografia referentes ao termo musicar local, o que pode criar um novo paradigma para a “musicologia”.

<sup>6</sup> O alferes é um negociador. Sua atuação envolve comunicar-se com os foliões e também com pessoas que não fazem parte da comunidade, mas que apoiam a festa pelo valor tradicional e cultural que ela tem.

<sup>7</sup> A alvorada, bem como todos os pousos, conta com a celebração de uma missa que é realizada às 8:30 da manhã.